

Helenização de Roma

Amós Coêlho da Silva - UERJ e UGF

RESUMO: *A cidade de Roma tornou-se caput mundi com muito esforço. Dois fatos contribuíram para essa conquista: a sua qualidade de se tornar excelente aluno dos povos dominados e moderação no uso da espada que empunhou nas suas conquistas.*

PALAVRAS-CHAVE: *hegemonia romana, continuidade helênica.*

Muitas foram as batalhas para que os latinos dominassem a Itália. Primeiramente, foram dominados pelos etruscos, dos quais herdaram da engenharia as cloacas e provavelmente o arco arredondado e a habilidade de imitar as criações de outros povos superiores como os helenos, bem como múltiplos aspectos religiosos.

Só havia ditador em Roma por ocasião de guerra. Assim, Cincinato foi proclamado *dictator*¹ no século V a. C. para assumir o comando das tropas e lutar contra os équos, povo que almejava a hegemonia no Lácio. Depois de rechaçar o perigo dos équos, Cincinato voltou ao seu trabalho de *agricola*, entregando-se a uma vida frugal e simples, a qual caracterizava esses tempos de Roma. O episódio Coriolano (século V a.C.) ficou registrado pelo historiador Plutarco e imortalizado por W. Shakespeare numa de suas tragédias. Depois de Coriolano vencer os volscos, foi acusado de tirania pelos tribunos, o que o fez passar para o lado dos vencidos volscos e impor um cerco cruel a Roma, que só se salvou pelos rogos de Vetúria, mãe dele, e Volúmnia, sua esposa.

À medida que incorporava ao seu domínio uma cidade, Roma ia ganhando fôlego militar, porque fazia tratados de paz que absorviam o relacionamento político das cidades dominadas, ou seja, criou pontos estratégicos subdivididos em *coloniae romanae* (porque os cidadãos tinham direitos civis integralmente) e *coloniae latinae* (com direitos limitados, não desfrutavam dos direitos romanos e tinham também uma independência limitada).

Dominada a Itália, investirá na expansão fora daí. No entanto, um acontecimento mudará a vida dos romanos: trata-se da queda de Tarento

em 272 a.C. e da redução dos seus habitantes a escravos. Dentre esses, Lívio Andronico introduz o teatro, tragédia e comédia, na sociedade romana. *La première représentation a Rome d'un drame grec devait marquer une date importante dans l'histoire de la littérature latine.*² O ano é 240 a.C. e a partir daí estará incorporado aos *Ludi*, jogos públicos, um festival novo: *Ludi Scaenici*. *Les magistrats eurent l'idée de donner au peuple un spectacle comparable à ceux que l'on pouvait voir en Grèce.*³ Além da adaptação de tragédias e comédias gregas, Lívio Andronico traduz em versos satúrnios a Odisséia, a qual *Horácio nos diz que era costume aprendê-la de cor sob a ameaça da palmatória de Orbílio.*⁴ O escravo da Magna Grécia é também o marco inicial do pedagogo em Roma, pois foi presidente de uma academia de poetas, ou seja, *collegium poetarum*.

Ênio (239 a 169 a.C.) era chamado de *Ennius pater*. Era de cidade próxima a Tarento e foi levado para Roma por Catão o Censor (234 a 149 a.C.), mas devido às suas tendências helenizantes foi hostilizado por Catão, que era defensor da vida frugal de outrora e inimigo da influência da cultura grega. No entanto, Catão veio a estudar grego na velhice, o que pode significar sujeição tardia ao gosto helênico daquele que ele repudiara, mas que introduziu o hexâmetro datílico: o poeta bilingüe Ênio, que dominava o latim e o grego. O surgimento do hexâmetro datílico em latim ocorre numa de suas obras, denominada *Annales*, a história de Roma. *Os Anais* são dezoito livros; trata-se de um relato à maneira homérica de heróis antigos de Roma. Há neles descrições sublimadas de retratos romanos e a valorização da grandeza de Roma, cujos cânones estilísticos são o uso abundante de tmeses, aliteração, onomatopéia, enfim o gosto pelas figuras de linguagem.

Roma empreende, simultaneamente, guerra à sua rival Cartago, à pirataria dos ilírios, obtendo um ponto de apoio na península balcânica, e a crescentes conquistas de Filipe da Macedônia, de quem toma uma ou outra conquista. Roma enriquecera e, dentre outros bens, adotou definitivamente a cultura helênica. Com discurso poético, em versos hexâmetros, Horácio aprova o surgimento e posterior desenvolvimento da poesia latina para o imperador Augusto. *Epistulae*, II, I, 156-60:

Graecia capta ferum victorem cepit et artes

Intulit agresti Latio: sic horridus ille

Defluxit numerus Saturnius et grave virus

Munditia pepulere, sed in longum tamen aevum
manserunt hodieque manent vestigia ruris.

A Grécia subjugada subjugou o seu feroz vencedor e as artes
Introduziu no agreste Lácio: assim aquele horrível

Verso satúrnio desapareceu e a mau gosto pesado

As coisas elegantes rechaçaram, mas por muito tempo

Permaneceram e ainda hoje permanecem os vestígios rústicos.

Por artes, resume Horácio (65 - 8 a.C.) a filosofia, religião, teatro, a gramática, etc. Na religião, os romanos receberam o fluxo de influência helênica no seu panteão; assim, deuses gregos aos romanos fixarão características: Zeus a Júpiter, Hera à deusa Juno, Afrodite à bela Vênus, Atena à sábia Minerva, Apolo se impõe como Apolo mesmo etc., cujo sincretismo passará a ser a missão dos romanos.

Juntamente com a influência mítico-religiosa, vêm os motivos da decoração arquitetônica de santuários, inspirados em imagens helênicas bastantes frequentes em temas dionisíacos. Há nisso uma demonstração da agradável genialidade grega que empresta sua sensibilidade como motivo de ornamento para o antigo *podium*, santuário construído num terraço elevado. Desse modo, no Império Romano, surgirão capitéis jônicos, coríntios e dórios.

Então, combinam, às vezes, como Sêneca, doutrinas filosóficas diametralmente opostas, como epicurismo e estoicismo, ainda que em Sêneca sobressaísse o estoicismo.

Na gramática, Varrão (116- 17 a.C.) estudou minuciosamente a que-rela entre os estudiosos da gramática grega sobre analogia e anomalia e deduziu no *De Lingua Latina*, VIII, 23: *cum, ut ego arbitror, utrumque sit nobis sequendum, quod in declinatione voluntaria sit anomalia, in naturali magis analogia* – enquanto, conforme julgo, ambas devem ser seguidas por nós, porque na declinação voluntária há anomalia (e) na natural mais analogia.

A língua latina dispunha de uma estrutura mórfica que exprimia múltiplas categorias gramaticais e matizes semânticos. Houve gradativa simplificação e desaparecimento deste complexo mórfico que identificava este membro do velho grupo ítalo-céltico como um ramo indo-europeu. É o contato com a Grécia subjugada que propicia uma certa recuperação dessa disponibilidade morfológica, hoje tão presente em português e nas demais neolatinas. Assim, dentre muitos exemplos, Lucrécio (98 a 52 a.C.)

traduz, de Epicuro, com o neologismo *clinamen, inclinação, desvio* (2, 292), o *parevgklisi*” (parénklisis, *inclinação ao lado*) e a[tomo” (átomos), com o termo latino mais próximo: *semen* (*semente, grão*) ou *primordium* (*primórdio, primeiros princípios*). Mesmo Cícero, buscando na possibilidade da competência latina e participando do debate dos estudos gramaticais entre os pensadores gregos e latinos, traduziu *ejtumologiva* (etimologia, ou seja, dizer a verdade) por *veriloquium* (discurso da verdade); também traduziu por *sapientia* filosofiva - mais tarde cedeu a força das expressões gregas. A ampliação de substantivos compostos nasce dessa necessidade de paridade com a expressividade lingüística dos helenos que dispunham habitualmente de substantivos compostos como herança indo-européia. Além de outros conceitos abstratos, expresso em termos simples, como o termo helênico *ajrethv* (*areté, honra*) foi aproximado, por tradução erudita de poetas e oradores, ao latino *virtus, valor*. Assim, *ratio, cálculo, ponto de vista*, traduziu *lógos*. Com propriedade Pierre Grimal observa *O ‘lógos’ grego tornou-se, em Roma, “ratio”; o que era “palavra” passou a ser “cálculo” – e o contraste não está apenas nas palavras, está também na atitude intelectual que simbolizam.*⁵ Encontraremos em Catulo (77 a 57 a.C.) 10% de palavras gregas e, por isso, uma antecipação da era áurea da Literatura Latina. Sendo ele um dos *newtteri*, (*néoteroi* = jovens “poetas”), quer dizer cultor do alexandrinismo, introduziu elementos dos gregos clássicos. São exemplos de grecismos: *tavlantón* - *talentum*, *zwvnh* - *zona*, *cavrtth*” *charta* ou *carta* etc. O esforço dos clássicos latinos para superar a pobreza expressiva do latim, de que se queixou com ênfase Lucrécio em sua obra *De Rerum Natura*, foi de tal ordem que transformou uma idioma rústico de camponeses num instrumento de pensamento tão eficaz que se impôs em toda Europa Ocidental, mesclando-se em línguas que não são derivadas do latim como o inglês e o alemão, por exemplo. E mais: quaisquer palavras que venham do grego para o português há de ser filtrada pelo latim.

Não raro, esse sincretismo romano torna-se mais que uma simples missão de colonizador ou admirador, como o era em Cipião Emiliano. O conquistador da Macedônia, conhecido também como Cipião Africano Menor, adotado por P. Cipião, filho de Cipião Africano Maior, além de excelente orador, fora patrono das letras gregas e latinas, em cujo círculo era freqüentado por nomes não menos ilustres de *personae gratae* tais como os de Políbio (202 a 120 a.C.), historiador grego e defensor da tese da

hegemonia romana como salvação da sobrevivência dos estados gregos; Panécio de Rodas (180 a 110 a.C.), filósofo estóico; Terêncio (185 – 159 a. C.), de cuja comédia falaremos brevemente e Lélcio (186 a 140 a.C.), cognominado *O Sábio*. Em Varrão, portanto, tal sincretismo romano tornou-se apanágio. Seus estudos são tão importantes, que ele haverá de ser citado pelos mais empenhados estudiosos das questões lingüísticas. Foi citado por Émile Benveniste (1902 a 1976), que balizou limites epistemológicos para abordagens etimológicas. Outro exemplo é o Professor Mattoso Câmara, introdutor dos assuntos lingüísticos no Brasil e Portugal. No seu livro *Estrutura da Língua Portuguesa*, cita-o explicitamente, retomando o tema acima e afirmando que o *primeiro* (=declinação voluntária) *destinava-se a esclarecer o caráter fortuito e desconexo do processo. As palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória...* Exemplifica, demonstrando que não existe a quarta proporcional na derivação entre cantar e cantarolar e possibilidades idênticas para falar e gritar. Assim também, poderíamos afirmar que budismo admite a derivação budista, mas cristianismo não fecha a quarta proporcional. Mas a flexão apresenta obrigatoriedade e sistematização coerente, o adjetivo é “*naturalis*” no termo de Varrão. A descrição de Varrão é comparada a do moderno lingüista Halliday, sendo declinação voluntária, um inventário comensurável apenas numa época, porque há possibilidades sempre crescentes, sinônimo de “*relações abertas*” (Halliday, 1962, 9) e declinação natural o equivalente de “*relações fechadas*” (...), (porque) “*a lista dos termos é exaustiva*”, “*cada termo exclui os demais*”.⁶

Plauto (254 – 184 a.C) escreveu muitas comédias. A sua arte consiste em *E multis unam facere, de muitas fazer uma*, isto é, através da *contaminatio*, da *contaminação* de diversos autores tais como Menandro, Filêmon, Dífilo e Apolodoro, pertencentes à Comédia Nova. De Aristófanes, temos o prólogo, mas sem assuntos políticos, estabelecendo a conexão entre autor e platéia. Foi a partir de uma *contaminação* plautina, sem que o próprio Plauto tivesse culpa, que *Publius Terentius Afer* (185 a 159 a.C.) fora injustiçado com a acusação de plágio, conforme uma revelação sua no *Prologus*, *Prólogo* de *Os Adelfos*:

Postquam poeta sensit scripturam suam

Ab iniquis obseruari et aduersarios

Rapere in peiorem partem quam acturi sumus,
Indicio de se ipse erit: uos eritis iudices,
Laudin an uitio duci id factum oporteat.
Synapothnescontes Diphili comoedias;
Eam Commorientes Plautus fecit fabulam.
In Graeca adulescens est qui lenoni eripit
Meretricem in prima fabula; eum Plautus locum
Reliquit integrum; eum hic locum sumpsit sibi
In Adelphos, verbum de verbo expressum extulit.
Eam nos acturi sumus nouam: pernoscite
Furtumne factum existumetis an locum
Reprehensum, qui praeteritus neglegentiast.

Prólogo

Depois que o Poeta percebeu que o que ele escreveu
Foi censurado por críticos injustos e os adversários
Deformaram a peça que vamos representar,
Ele mesmo será uma denúncia de si próprio: vós sereis juízes,
Se conviria este procedimento ser louvado ou ser inspirado no
vício.
Existe uma comédia de Dífilo, chama-se “Synapothnescontes”;
Plauto a transformou em sua peça “Commorientes”.
Na peça grega, há um rapaz que rouba ao proxeneta
Uma jovem, logo no início. Plauto deixou este ponto
Integralmente. O Poeta aqui o tomou para si
Em “Os Adelfos”, traduzindo palavra por palavra (de lá).
É esta nova peça que nós vamos representar: examinai
E julgai o fato: se houve algum roubo ou o lugar
Foi retomado (pela primeira vez), o qual foi preterido por negli-
gência.

Embora autoridades maiores da Antigüidade Clássica, como a de
Cícero (106 a 43 a.C.) e Horácio, considerem a comédia de Terêncio ad-
mirável, o poeta teve de lutar contra a impopularidade dele. Na passagem
acima, defende-se de plágio, ou seja, um dos cânones da época era que um
autor grego não deveria ser imitado duas vezes. Em seu Prólogo de *Hécira*,
lamenta o fracasso de sua peça, que concorreu com um combate de

gladiadores que estava acontecendo ao mesmo tempo de sua encenação teatral. Leiamos a passagem (39-42):

Primo actu placeo, cum interea rumor uenit
Datum iri gladiatores: populus conuolat.
Tumultuantur, clamant, pugnant de loco;
Ego interea meum non potui tutari locum.

No início do espetáculo fui bem acolhido, quando surge neste momento rumor
De que haveria de ser oferecida (uma luta de) gladiadores: o povo se dispersa,
Atropela-se, grita e briga para conquistar um lugar;
Eu, enquanto isso, fui impotente para defender o meu.

Fechemos este artigo com Vergílio (70 a 19 a.C.) que, em sua *Eneida* (VI, 847-54), exalta, primeiramente, o talento dos helenos:

Excudent alii spirantia mollius aera,
Credo equidem; vivos ducent de marmore vultus;
Orabunt causas melius, caelique meatus
Describent radio et surgentia sidera dicent:

E em segundo lugar, a sublimação da glória dos romanos: missão e compromisso de civilizar os povos:

Tu regere imperio populos, Romane, memento
Hae tibi erunt artes, pacisque imponere morem,
Parcere subiectis et debellare superbos.

Tradução:

Alguns modelarão suavemente do bronze esculturas que parecem respirar,
Creio de fato, esculpirão do mármore rostos vivos;
Discursarão melhor as causas jurídicas, os meandros do céu
Descreverão com o compasso e explicarão os astros que surgem (na abóbada):
Tu, Romano, lembra-te de reger os povos com teu governo.

Estas serão as tuas artes, impor o costume da paz,
Poupar os que se submetem e subjugar os soberbos

BIBLIOGRAFIA

I - Textos antigos

MORISSET, R. & THÉVENOT, G. *Les Lettres Latines. Histoire Littéraire. Principales Oeuvres. Morceaux Choisis*. Paris: Magnard, s.d.

GOUAST, René. *Anthologie de la Poésie Latine: des origenes au moyen âge*. Paris: Stock, 1947.

II - Estudos e comentários

BAYET, J. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, 1964.

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-européias*. Campinas: Unicampi, 1995. Volumes I e II.

BRANDÃO, J. de Souza. *Teatro Grego: Origem e Evolução*. Rio de Janeiro: TAB, 1980

_____. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e Religião Romana*. Petrópolis: Vozes. 1993.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine – Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latim Français*. Paris: Hachette, 1934.

GRIMAL, P. *A Civilização Romana*. Trad. De Isabel St.Aubyn. Lisboa: Ed.70, 1984.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina*. Trad. De Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar, 1987.

HUMBERT, Jules. *Histoire Illustrée de la Littérature Latine: Précis Méthodique*. Paris: Didier, 1932

HUMBERT, Jules & BERGUIN, Henri. *Histoire Illustrée de la Littérature. Grecque: Précis Méthodique*. Paris: Didier, 1947.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

VARRÃO, M. Terêncio. *De Lingua Latina*. Texto estabelecido e traduzido por Roland G. Kent. London: Page, 1951. Books V-X.

NOTAS

¹ Todas as expressões e textos latinos são traduções nossas.

² HUMBERT, Jules. P.22

³ Ibidem. P.22.

⁴ HARVEY, Paul. Lívio Andronico.

⁵ GRIMAL, Pierre. P. 139.

⁶ CÂMARA JR., J. Mattoso. p.71-2